

# Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil, organizado por Lucia Rabello de Castro

RESENHA/RESEÑA POR

Luciana Martins Quixadá

Universidade Estadual do Ceará, Curso de Psicologia e Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, Fortaleza, Ceará, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7082-5698>

## Saberes produzidos nas trilhas de infâncias do Sul Global



Produzir uma resenha sobre o livro *Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*, organizado, em 2021, por Lucia Rabello de Castro, é um enorme desafio, tendo em vista os impactos epistemológicos que essa obra tende a produzir quando nos deparamos com as densas provocações lançadas não somente pelos(as) autores(as) dos capítulos, mas, especialmente, pelas crianças do Sul. Pensar a partir desse outro polo do globo é imprescindível diante da virada epistêmica descolonial que esse livro propõe, como resultado de escutas, eticamente implicadas, das vivências em infâncias não hegemônicas, mesmo porque as infâncias do Sul configuram um ponto de intersecção entre diversos marcadores de exclusão se situadas sob referenciais a partir do Norte.

Os(as) autores(as) põem em xeque a universalidade de um modo inventado de ser criança e de viver a infância. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, de 1989, é um exemplo de instrumento legal que tem por intuito estabelecer parâmetros que visem à garantia de direitos e à proteção de crianças, entretanto, parâmetros

sempre estabelecem fronteiras de inclusão e exclusão. Além disso, como esmiuçado na *Apresentação* dessa obra, tais parâmetros foram criados a partir de um modelo de infância comum no Ocidente e no Norte, com bastante acesso a bens de consumo de massa em um sistema socioeconômico capitalista. E as outras infâncias? Podemos dizer que estão às margens? Ou inventam outros territórios para si?

Essas questões foram guiando minhas leituras dos capítulos desse livro porque se relacionam às questões que mobilizaram a sua produção, apresentadas logo no seu início quando é anunciada a ideia da necessidade de pensarmos as infâncias de modo descolonial e descentralizado, política e epistemologicamente, do Norte global. Isso porque, ao produzirmos conhecimento no campo da infância, é fundamental considerarmos a geopolítica em torno dessa produção e a diversidade racial, étnica, sexual e social que afeta esse momento geracional, tendo em vista ainda as profundas desigualdades e violências vividas do lado de cá do mundo. Sobre isso, vale dizer há um esforço por abordar essa diversidade, distanciando-se do paradigma hegemônico de ciência e infâncias norte-americanas e europeias, buscando partir de outros referenciais culturais para pensar as diferenças. Entendo que essa se trata da principal tese na obra *Infâncias do Sul Global*, sustentada por um número importante e diversificado de pesquisas etnográficas, especialmente com crianças indígenas, quilombolas e das periferias de grandes cidades brasileiras e argentinas. Ressalto que, nesse último caso, os relatos de pesquisa foram mantidos em espanhol, respeitando o idioma de origem das pesquisadoras.

As narrativas das crianças produzidas nessas investigações são apresentadas com muita sensibilidade e vinculação cultural e territorial e, nesse sentido, compreendo que os(as) pesquisadores(as) produziram aproximações satisfatórias entre o que “é dito” e o que “é vivido” pelas crianças, suas famílias e comunidades. Além disso, foram apresentados na maior parte dos capítulos muitos tensionamentos entre as culturas infantis e as culturas dos adultos locais, mas também entre aquelas e as representações mais gerais sobre o que seria uma cultura da infância. Nesse sentido, os conteúdos presentes nos capítulos desse livro nos levam a questionar a noção moderna e idealizada de infância, a qual impõe limites à compreensão de outros modos de ser criança. Nessa perspectiva, cabe ao(à) pesquisador(a) estabelecer outros vieses metodológicos e analíticos, tal como uma pesquisa participativa, para o alcance de uma escuta situada espaço e temporalmente. *Infâncias do Sul Global* é dividido em partes bastante interligadas que vão nessa direção.

Há, dessa forma, uma preocupação nos relatos de pesquisa com os contextos culturais, econômicos políticos e geográficos das crianças e jovens que participaram dessas investigações. Apesar disso, observei que cada capítulo traz peculiaridades resultantes dessa participação, embora tenham em comum o fato de que esses sujeitos vivem no Sul e em contextos de vulnerabilização socioeconômica. Ainda assim, são bastante visíveis as singularidades nas descobertas e análises. Por exemplo, os capítulos que apresentam as experiências com crianças indígenas na Argentina possuem especificidades que dizem respeito ao que afeta mais cotidianamente as vidas das crianças em determinada comunidade e que não são, necessariamente, os mesmos fatores vividos por outras crianças também indígenas e argentinas, mas que compõem outras comunidades.

Esse olhar investigativo situado importa na medida em que, dessa forma, podemos nos aproximar das diferentes infâncias e os resultados das pesquisas podem contribuir, assim, para um anúncio às comunidades científicas e às políticas institucionais sobre como se desenrola essa diversidade de modos de estar no mundo, com suas criações, lutas e culturas. Podem ainda, por isso mesmo, favorecer transformações sociopolíticas que sejam relevantes para as crianças e suas famílias, pois decorrem de conhecimentos que elas também produziram e que não resultam de representações universalistas, as quais não contemplam suas realidades.

Muitas dessas pesquisas apontam para um distanciamento muito profundo entre essas representações e o cotidiano das crianças, como, por exemplo, o fato de muitas delas não viverem restritas na maior parte do tempo ao ambiente doméstico, pois circulam e brincam com muita frequência nas ruas, como relatado no capítulo *A rua como caminho: relações no campo da infância*, de Paula Uglione. Nesse capítulo, a pesquisadora problematiza a ideia de “vadiagem” e reflete sobre as oportunidades que esse trânsito fora de casa oferece às crianças no seu encontro com outras. Trata-se de uma afirmação de possibilidades para além das fronteiras caseiras.

Além disso, outra representação tradicional posta em xeque por alguns(algumas) dos(as) autores(as) são os cuidados privados e familiares que assumem outras configurações em diferentes territórios, como quando as irmãs mais velhas cuidavam dos irmãos e irmãs mais novos na ausência dos pais/mães/responsáveis. Esse fator de gênero era recorrente nesses casos, quando eram as meninas quem costumavam realizar essa atividade. Nos contextos em que isso se dava, as crianças eram percebidas como inseridas em um espaço relacional, no qual elas possuíam deveres e precisavam colaborar e assumir responsabilidade pelo outro. Outro exemplo que destaco nesse sentido do cuidado advindo da criança, e não do adulto, ocorre quando, no capítulo *Luchas en tensión: una mirada ava-guaraní sobre el problema de la desnutrición infantil en la provincia de Salta*, as crianças vítimas de desnutrição recebem alimentos dos agentes sanitários e os partilham com o restante da família para surpresa e indignação dos profissionais de saúde (LÉVY, 2021). É difícil para estes entenderem que isso acontecia como resultado de culturas indígenas fortemente comunitárias, nas quais a partilha da comida é um hábito importante.

A partir daí, trago outra representação idealizada da criança que é questionada nesse livro, a qual impõe limites à sua participação social. É possível vermos uma problematização dessa ideia especialmente por meio das narrativas partilhadas com as crianças nos capítulos sobre: 1) os “sem-terrinha”; e 2) as crianças argentinas que ocupavam com suas famílias um prédio abandonado em Buenos Aires. Em ambos os casos, é marcante nas crianças “[...] um modo de subjetivação marcado pelo sentimento claro de pertencimento a uma comunidade” (MELO; CASTRO, 2021, p. 265). Inserir-se ativamente no tecido social decorre, pois, de sentir-se parte dele e isso é construído também na relação com os adultos nesses espaços comunitários. Daí, portanto, é importante compreendermos que a participação social da criança não significa que ela está sozinha ou somente entre pares e que participar pode ainda promover a sua proteção e a garantia dos seus direitos a partir da produção de um “espaço relacional com os adultos” (MELO; CASTRO, 2021, p. 256), por meio do qual os saberes e práticas das crianças sejam reconhecidos.

Outro elemento que afeta cotidianamente as vidas das crianças do Sul global é o racismo, que, de acordo com alguns relatos de pesquisa do livro, traz implicações tanto para as infâncias das periferias urbanas quanto para aquelas de comunidades indígenas mapuche, wichís e ava-guaraní na Argentina e da comunidade quilombola Cafuringa no Brasil. O olhar forasteiro lançado sobre essas infâncias é marcado por traços de um racismo que leva à negatização de suas experiências culturais, lúdicas, afetivas, e isso traz prejuízos à implantação adequada de políticas de saúde, urbanísticas e educacionais para as crianças que vivem nesses territórios.

*Infâncias do Sul Global* oferece ainda o capítulo escrito por Menezes e Silva (2021) dedicado a produzir reflexões sobre a formação das crianças no sentido de um enfrentamento ao racismo que ocorre entre elas próprias como resultado de sua inserção em cenários sociais racistas. Para tanto, é fundamental, de acordo com essas autoras, o acesso desse público a uma literatura descolonial, bem como produzir nos espaços coletivos de educação e cuidado uma formação antirracista também nos profissionais da infância.

Após a leitura de *Infâncias do Sul Global*, fiquei refletindo sobre o quanto as representações sociais ocidentais de uma “criança global”, nos moldes da Modernidade que toma somente “em desenvolvimento”, servem para justificar a exploração e as violências contra crianças, principalmente aquelas de culturas não nórdicas. Pensei ainda que a existência de um parâmetro que demarca uma infância a ser vivida e alcançada de modo ideal e universal faz com que aquilo que lhe escapa seja tomado como negativo, algo a ser exterminado, violado ou esquecido. Isso é muito colonial! Daí, portanto, a necessidade de produção de uma ciência descolonial e de saberes descoloniais, tais como aqueles que os(as) pesquisadores(as) e as crianças desse livro fizeram.

As experiências partilhadas nessa obra apontam para uma urgente desconstrução de padrões universalistas da infância, em especial nos campos da política e da ciência, no sentido de afirmar outras potências infantis, outros modos de ser criança de acordo com seus contextos de vida, já que a “[...] la infancia no puede recortarse de su territorio” (LÉVY, 2021, p. 212). Todos os capítulos, embora divididos em partes, interligam-se nesse sentido, e vale dizer que o espaço concedido a uma resenha exige uma síntese, de certo modo, limitante diante do meu esforço por “dar conta” da vastidão de reflexões que tais escritos instigaram em mim.

Espero, no entanto, ter alcançado minha intenção em trazer aspectos indispensáveis que identifiquei nessa coletânea e que podem gerar afetações importantes naquelas(as) que costumam se envolver com o que as crianças têm a dizer. Sigamos, pois, rumo a diferentes horizontes equatoriais e que sejamos capazes de sacudir o dito popular de “ter um Norte na vida” para abraçarmos as vidas ao Sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, L. R. de. (Org.). *Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2021.

LÉVY, P. Luchas en tensión: una mirada ava-guaraní sobre el problema de la desnutrición infantil en la provincia de Salta. In: CASTRO, L. R. de. (Org.). *Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 195-291.

MELO, L. A.; CASTRO, L. R. de. A infância em contextos de luta e coletivização no Brasil: a participação das crianças sem terra no MST. In: CASTRO, L. R. de. (Org.). *Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 241-267.

MENEZES, J. A.; SILVA, K. B. da. Exercícios de localização: sobre Mafalda e Minosse ou o que podemos aprender quando fincamos pés e cabelos no chão. In: CASTRO, L. R. de. (Org.). *Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 295-316.

**Palavras-chave:** infâncias, sul global, pesquisa, descolonialidade.

**DATA DE RECEBIMENTO:** 05/03/2022

**DATA DE APROVAÇÃO:** 19/03/2022

### **Luciana Martins Quixadá**

*Pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB), Brasil, e graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UECE), Brasil. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará.*

**E-mail:** [luciana.martins@uece.br](mailto:luciana.martins@uece.br)